

YVONNE A. PEREIRA

O DRAMA DA BREITANHA

Romance da mesma série de
Nas voragens do pecado e O cavaleiro de Numiers

Pelo Espírito
CHARLES



SUMÁRIO

Prefácio	7
Prólogo: As costas da Bretanha	9
1 A família de Guzman	17
2 Andrea e seu obsessor	27
3 Victor	37
4 O suicida reencarnado	47
5 O aleijado	55
6 Marcus de Villiers	63
7 Complicações	73
8 O obsessor	89
9 O sedutor	99
10 Em Saint-Omer	109
11 Os noivos	119
12 O conselho de família	129
13 Na hora do testemunho	145
14 Uma viagem ao Infinito	159
15 A vitória do obsessor	167
16 Uma página de Além-túmulo	175
17 A ação benéfica da prece	183
Epílogo: A despedida	191





PREFÁCIO

Há quarenta anos este livro foi-me ditado do mundo espiritual pela primeira vez. Seu primitivo autor assinava-se *Roberto de Canalejas*. Reencarnou, porém, logo depois de haver iniciado o ditado, numa resolução inadiável, a bem do próprio progresso, e não conseguiu terminar a obra. Eu era, então, muito jovem e inexperiente, ensaiava a literatura mediúnica sob orientação dos mentores espirituais, logo após o desenvolvimento da faculdade psicográfica, e a obra saiu imperfeita. Passaram-se os anos. Eu temia destruir os manuscritos porque considerava bela a narração, e por isso guardava-os como recordação do amigo Roberto que, como Espírito, tantas provas de afeição me dera. Também nunca recebi ordem do Alto para reconstituir o livro, não obstante outras obras já me terem sido concedidas, inclusive o romance *Nas voragens do pecado*, o primeiro da série de três que se relacionam na sequência do enredo e das personagens. Trata, portanto, este livro, de episódios vividos por algumas personagens de *Nas voragens do pecado*, nos trabalhos de reparação de faltas cometidas então. Um outro existe, anterior a este, ditado na mesma ocasião e pelo mesmo primitivo autor, isto é, há quatro decênios, o qual seria o segundo da série e no qual se historia a reencarnação imediata das mesmas citadas personagens. Mas, tal como este, conservado incompleto e imperfeito. Foram, pois, ditados saltadamente, começando do terceiro para o segundo e finalmente o primeiro, *Nas voragens do pecado*, obtido em 1959.

Há cerca de sete meses, porém, quando eu já considerava nada mais haver a fazer com os apontamentos guardados, apresenta-se o amigo espiritual *Charles* e diz:



Yvonne A. Pereira / Charles

— Reconstituiremos *O drama da Bretanha*. Seria injusto que perdéssemos uma obra que recebeu o beneplácito do Alto para ser divulgada.

E hoje ofereço ao leitor estas páginas que, espero, poderão servir aos necessitados de amor e justiça.

YVONNE A. PEREIRA

Rio de Janeiro (RJ), 9 de março de 1972.



PRÓLOGO

AS COSTAS DA BRETANHA¹

Na verdade vós, como nós, todos vivemos mergulhados num oceano espiritual imensurável, do qual se originam a ciência e a sabedoria possíveis ao espírito humano.

Essa a comunhão com o Espírito Santo, de que tratam as sagradas escrituras quando dizem: 'Ele mora em vós e convosco existe.'

(Imperator – Espírito guia de Stainton Moses)²

Desde épocas remotas, a Bretanha foi fértil em lendas sugestivas, pelo sabor dramático com que os bretões souberam revestir os acontecimentos desenrolados em seu seio, não raramente tocando-os dos matizes do mistério e do maravilhoso. Terra de antigos bárbaros, berço de príncipes ilustres, a Bretanha, adaptada às próprias lendas, ainda hoje oferece ao viajante algo de estranho e singular que atrai, comove e atemoriza. Sua topografia presta-se às insinuações da sugestão: enfeitada de montanhas agrestes, bordada de florestas consideradas outrora misteriosas, dando asas à superstição, contornada de ribanceiras selvagens deitando para o Atlântico Norte, sempre bravio em suas costas e cujas águas se esboroam

¹ N.E.: Antiga província da França, que formou durante muito tempo um ducado independente. Reunido à coroa de França em 1491, pelo casamento de Carlos VIII com Ana de Bretanha, só foi definitivamente anexado no reinado de Francisco I (1532). Capital Rennes. Formou os departamentos de Finistère, Côte-du-Nord, Ille-et-Vilaine, Morbihan, Loire-Inférieure (Atlantique). A Bretanha é uma península de xistos e de granito, banhada dos três lados pelo oceano Atlântico (Atlântico Norte).

² BOZZANO, Ernesto. *Os enigmas da psicometria*.



ininterruptamente por entre contrafortes de pedras brutais, essa terra de fadas e gênios alados convida o pensador ao exame e à meditação, pois tão preciosos detalhes oferecem vestígios empolgantes de um pretérito atraente e quiçá inesquecível. Nenhum filho de solo francês teria sido mais orgulhoso, mais cioso dos valores da própria raça do que o foram os bretões. Talvez porque a Bretanha houvesse demorado a se incorporar ao território francês, os bretões preferiram sempre as suas sete famosas florestas e as suas superstições, as suas ribanceiras do Atlântico e os seus castelos seculares, suas misérias e suas credices, seus piolhos e sua ignorância, ao restante do solo do país, suave e galhardo.

A Bretanha há sido rude, sombria, equívoca. Deu à França a mais audaciosa e original guerra civil de que há memória na história nacional francesa, a da Vendeia,³ conflito estranho e trágico, que escondia o seu exército de camponeses, fiel ao realismo, nas entranhas da terra, no interior das florestas, solapando o terreno com subterrâneos, e onde o bretão ignorante, miserável e oprimido pelo regime ainda feudal lutava selvagememente contra os defensores dos seus próprios direitos de cidadão livre de uma república, preferindo defender a causa absolutista dos seus escravizadores seculares, isto é, os nobres e aristocratas, acomodados à ignorância do servilismo depressor.

Mas, acima de tudo, a Bretanha é encantadora. Há em sua atmosfera certa nostalgia indefinível, que nos envolve em impressões imorredouras. O céu de opala, de um azul esgazeado, a atmosfera saturada de frescas neblinas, o oceano rumoroso, elevando eternos brados heroicos ao longo de suas costas eriçadas de reentrâncias pedregosas, as florestas pujantes, de onde se exalam perfumes saudáveis e penetrantes, os castelos feudais, pesados, evocando o rigor medieval, as torres maciças que ornaram os seus vilarejos e ainda as ruínas evocativas de uma época bela, forte e trágica, cativam o coração daquele que um dia recebeu por berço as suas terras lendárias.

³ N.E.: A guerra da Vendeia teve lugar durante a Revolução Francesa e foi movida entre os dois partidos: Nobres e Republicanos, mas auxiliada pela Inglaterra, que se aliara ao partido da nobreza.



O drama da Bretanha

Ao aportar na Bretanha, a primeira impressão que assalta o viajante de Além-túmulo é a de que dramas intensos estigmatizaram para sempre sua ambiência etérea, tecendo-lhe a singularidade de uma *aura-arquivo* toda especial, repleta de motivos para especulações variadas, apaixonadas, impressionantes.

Em remota migração terrena, eu fui bretão. Nasci, então, nessa terra de príncipes ilustres e honrados, orgulhosos e conservadores, que, ao explodir a Revolução, quando caía a cabeça infeliz de Luís XVI⁴ e a nobreza se viu perseguida e batida pelos dias do Terror,⁵ preferiram morrer ou emigrar a confraternizar com o povo triunfante, ao qual se haviam habituado a tratar como vilão.

Os Espíritos ainda preocupados com os ambientes terrenos não são insensíveis aos locais onde viveram como homens, onde sofreram, amaram, trabalharam e progrediram. Visitam, algumas vezes, essas estâncias desoladas da Terra, que lhes serviram de berço e onde, quase sempre, veem reencarnados para peijas novas que lhes conferirão méritos indispensáveis outros Espíritos que compartilharam de suas vidas e a quem continuam a amar com desvanecimento. E colhem, de cada vez que o fazem, novos cabedais de experiência nas recordações que a vista do local onde habitaram faz eclodir em sua memória superexcitada.

Eram aproximadamente dez horas da manhã quando planei sobre Rennes, a velha capital da província, pouco depois do armistício que pôs fim à Primeira Guerra Mundial, por todos denominada a “Grande Guerra”.⁶

⁴ N.E.: Rei da França (1774 a 1791), da dinastia de Bourbon. Obrigado a jurar a Constituição, tentou fugir da França em 1791 e frear a Revolução, tornando-se impopular. Preso, foi acusado de traição, condenado à morte e guillotinado.

⁵ N.E.: Nome atribuído a dois períodos da Revolução Francesa. O primeiro deles (10/8 a 20/9/1792) foi causado pela invasão prussiana e manifestou-se pela prisão do rei e pelos massacres de setembro. O segundo (5/9/1793 a 28/7/1794) solidificou-se com o encarceramento de numerosos suspeitos, muitos deles guillotinado. O Tribunal revolucionário foi um dos instrumentos do Terror.

⁶ N.E.: Conflito armado ocorrido no período de 1914 a 1918.



Deslizava eu pensativamente por suas ruas atingidas de melancolia devida às neblinas do mês de outubro. Indeciso, procurei o antigo berço natal e revivi, uma a uma, as cenas gratas ou dramáticas do que fora a minha vida de então, como se, sobre um altar sagrado e muito querido, eu relesse páginas inesquecíveis de um breviário fértil, cujas lições me conduziram a etapas novas de progresso. Mas o muito se concentrar sobre um pretérito que se deverá antes esquecer angustia e exaure o coração... e afastei-me entristecido, preferindo deslocar-me tão lentamente quanto mo permitisse a condição espiritual, procurando a orla do oceano. E cheguei às ribanceiras rudes de certa localidade próxima de Vannes,⁷ ou seja, em certa aldeia outrora denominada Saint-Omer. Encontrei-me, então, em local singularmente sombrio e agreste, mesmo angustiante. Acheguei-me às bordas do oceano, constatando impressionante abismo de águas enfurecidas em lutas incansáveis contra os penhascos precipitosos que se suspendiam a alturas não inferiores a 50 metros. Em torno, silvas e arvoredos frutíferos como que abandonados, velhos carvalheiros requerendo melhores tratos, acácias e castanheiros evocativos e como desolados, enfrentando os bramidos ininterruptos das águas revoltas.

Subitamente, dentro do silêncio da manhã tranquila, e quando só o Atlântico parecia traduzir o ritmo da movimentação planetária, um grito doloroso de desespero, sinistro brado de horror e agonia, de alguém que se houvesse precipitado daquelas imensas penedias ao seio das águas, quebrou a placidez do momento, despertando minha sensibilidade para a surpresa a que não me pude furtar. Seguiu-se um gargalhar diabólico, tal se alguém, louco enfurecido, partilhasse com alegria blasfema do desastre que motivara o grito angustioso, gargalhar que me levou a rever os esgares das falanges obsessoras que, no mundo invisível, eu me habituara a contemplar durante os serviços de socorro às trevas da ignorância, no incentivo à renovação individual de pobres sofredores delinquentes, serviços que frequentemente era-me necessário realizar.

⁷ N.E.: Uma das cidades principais da Bretanha.



O drama da Bretanha

Aproximei-me, ligeiro, do local de onde tinham partido as duas vibrações, o brado de horror e o gargalhar. Distendi a visão espiritual, investigando a profundidade das águas, à procura do corpo humano que certamente se precipitara ali, devassando longamente as reentrâncias das pedras, as furnas marítimas das imediações, a profundidade e a largueza do oceano, a fim de prestar socorro ao pobre Espírito que em tão sinistras condições abandonava o seu fardo corpóreo. Nada encontrei, porém, como igualmente nenhum vulto humano ou forma perispiritual, descobri nos locais examinados. Eu percebera, no entanto, que ambos os rumores dir-se-iam difusos pela atmosfera, antes traduzindo a vibração do eco do que mesmo o som imediato do acontecimento, e investigava ainda, examinando as ondas luminosas do éter local, que o magnetismo oceânico singularmente conserva, quando três novos gritos, aflitos e seguidos um do outro, traduzindo inconcebível desesperação, emocionaram-me vivamente, atestando, porém, vozes masculinas diferentes, mais longínquas do que os dois primeiros, e repetindo, como se vibrados todos por entre lágrimas de exasperado horror:

— Andrea!... Andrea!... Andrea!...

Quedei-me pensativo, pois nada via no local. O primeiro grito ouvido fora de mulher jovem, certamente de uma adolescente. O gargalhar dir-se-ia de réprobo de Além-túmulo. Os três gritos seguidos, chamando Andrea, seriam de homens jovens e de um ancião. Que teria acontecido pelas imediações, para que tão trágico registro assinalasse de tal modo as vibrações da matéria fluídica do ambiente?

Examinei os arredores: do local onde me encontrava, a uma altura de 50 metros estimativos sobre o nível do oceano, prolongava-se para o continente o vestígio de uma estrada nobre que, a despeito do abandono em que se encontrava, deixava entrever ainda um passado de esplendor. Tufos de velhos rododendros vermelhos, de glicínias e giestas, frondosas galhadas de lilases e acácias e profusão de plantas preciosas, próprias de antigos parques senhoriais, deixavam-se notar por entre silvas





Yvonne A. Pereira / Charles

e espinheiros, enquanto carvalheiros e pinheiros soberbos recordavam o esplendor de um parque que outrora teria sido o orgulho de velhos fidalgos bretões. Deslizei sobre essa estrada como que ouvindo ainda as vibrações, dispersas pelo ar, do rodar das carruagens e caleças que por ela transitaram em paradas recreativas... e deparei, não longe, um velho castelo estilo renascença, ornado de heras, meio envolto já no sudário aniquilador de incipiente ruína.

Penetrei então o interior do solar, que era nobre e patriarcal. Um guarda, único vivente naquela região desolada, sentado sobre um degrau de mármore, que o limo devastava, fitava o vácuo, sem me perceber à sua frente, saboreando seu modesto cachimbo enquanto se aquecia ao Sol indeciso da manhã de outubro. E, porque tivesse eu aguçado a visão, a fim de tudo investigar com precisão e rapidez, descobri, no vestíbulo da entrada nobre, os pergaminhos ali encerrados por descendência indiferente, que jamais frequentava o solar perdido entre bosques e o litoral selvagem, e li arquivos de antigas personagens ali residentes: “Relatório e descendência (árvore genealógica) das famílias de Guzman d’Albret e de Guzman d’Evreux, desde o século XIII aos atuais titulares. Vannes, 27 de fevereiro de 1806”.

Uma árvore genealógica, com efeito, apresentava-se desenhada em pergaminho precioso, distendendo os seus galhos de gerações desde o ano de 1230, com o enlace do primeiro conde de Guzman, cuja origem era a Espanha, mas cujos descendentes se ramificaram pela França, pela Áustria e Países Baixos, transpondo a eufonia para a pronúncia Guttman.

Interessaram-me especialmente, porém, os últimos habitantes do Castelo, pois entre eles descobri o prenome *Andrea*, e, assim sendo, cientifiquei-me de que foram eles:

O conde Joseph Hugo François de Guzman d’Albret e sua esposa Françoise Marie de Montalban d’Albret.





O drama da Bretanha

Seus filhos: Victor François de Guzman d'Albret e Andrea de Guzman.

O conde René d'Evreux e sua esposa Amelye de Guzman d'Evreux.

Seus filhos gêmeos: Arthur e Alexis de Guzman d'Evreux.

Cheio de curiosidade, galguei as escadarias e, uma a uma, visitei as dependências do Castelo, as quais me pareceram impregnadas por vibrações recentes, vivamente dramáticas e fortes. Lembrei-me do grito de horror que eu ouvira havia pouco, do nome *Andrea* aflitivamente bradado por três vozes varonis, e pesada emoção fez palpitar os refolhos do meu ser espiritual. Profunda tristeza me sombreou o Espírito, cujas vibrações se amorteceram ao impacto terreno. Senti pesar em meu ser, agora integrado numa ambientação material, a intensidade dos acontecimentos que aquelas nobres paredes testemunharam. Aquele solar, então, apresentou-se-me como relicário augusto de dramas e lágrimas que um pretérito tormentoso havia criado. Sentei-me, comovido, sobre vetusta poltrona Luís XIV, em damasco azul e ouro, e abandonei-me a esta invocação:

Ó potências augustas da minha alma! Distendei vossas percepções gloriosas pelo éter que circunda esta região desolada. Perscrutai os arquivos das ondas luminosas que vibram ainda em derredor desta habitação. Aplicai vossos sentidos mais poderosos, mais sensíveis, a examinar a fluidez sagrada das vibrações que ainda tumultuam na essência cósmica que envolve esta nobre mansão e seus sugestivos arredores. Palpitam ainda por aqui, eu bem o sinto, as repercussões impressionantes do que fizeram, do que pensaram, do que sofreram aqueles que nela habitaram pela última vez! Dai-me o poder de ler na sutileza dessas mesmas vibrações, fotografadas e impressas nas ondas luminosas do éter, as cenas do drama que entrevejo por meio das impressões que me molestam o coração! E mostrai-me o que sucedeu a Andrea, para que um fim terreno tão trágico a arrebatasse. Quem sabe se lições de grande valor moral eu aí colherei para mim próprio, ou para aqueles por quem sou responsável?





Yvonne A. Pereira / Charles

Então, pouco a pouco, os meus sentidos espirituais, poderosos porque revigorados pela ação da vontade, se movimentaram, e um panorama extenso descortinou-se aos meus olhos, desenrolando-se o drama que trasladei para estas páginas, drama que, um dia — quem sabe? — poderá também ser presenciado pelo leitor na ação da vida espiritual, visto que suas cenas perdurarão por milênios impressas nas vibrações da luz.

O Castelo, nobre e evocativo, apresentou-se então em todo o seu esplendor passado, fulgurante de luzes e movimentação... E compreendi que era a noite de Natal do ano de 1804.





1

A FAMÍLIA DE GUZMAN

A obsessão é a ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diversos, desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. Oblitera todas as faculdades mediúnicas; traduz-se, na mediunidade escrevente, pela obstinação de um Espírito em se manifestar, com exclusão de todos os outros.⁸

Comemorava-se ainda em toda a França um dos maiores acontecimentos que sacudiram os seus destinos gloriosos e os destinos do mundo, porque nenhum acontecimento importante da França deixou jamais de se irradiar para além das suas fronteiras: Napoleão Bonaparte, jovem herói de inesquecíveis batalhas, o vencedor de Montenotte e Mondovi, de Castiglione e de Arcole, de Rivoli e de Marengo; Bonaparte, o primeiro cônsul do Diretório famoso, após a queda da realeza, sobre o qual tantas esperanças repousavam, fora coroado Imperador dos franceses, sob os mais lisonjeiros auspícios de um povo exausto de apreensões e sofrimentos, povo que estremecia ainda à trágica lembrança dos dias do Terror e da Guerra da Vendaia, que regaram de sangue a pátria venerável.

⁸ KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. XXVIII, it. 81.





Yvonne A. Pereira / Charles

Era assunto preferido, em todas as comunidades da França, a capacidade do grande general para conduzir as rédeas do governo à altura conveniente a uma nação civilizada, seus predicados de político astuto e sagaz, sua ousadia de soldado. Muitos nobres franceses, exilados desde antes de 1793,⁹ regressavam agora à pátria, saudosos e confiantes, tolerando a usurpação do trono que, por direito, cabia aos Orléans, esperançados de uma fruição de paz permitida por um governo bem mais dignificante, porque um Império, do que aquele que se pretendia impor sob a inspiração da Convenção Nacional, enquanto antigos republicanos depunham opiniões liberais para servirem ao grande curso, que tantas glórias já conquistara para as armas francesas, elevando a pátria no conceito mundial. E, na cidade de Lyon, num extremo da grande nação, nascia aquele que seria o escolhido do Alto para oferecer ao mundo a mensagem do Consolador, que o Cristo prometera aos homens para seu conselheiro e protetor nas asperidades da existência: *Hippolyte Léon Denizard Rivail*, o Allan Kardec,¹⁰ autor da Codificação do Espiritismo.

Desde o dia 2 de dezembro, data em que se realizara a cerimônia da coroação do Imperador, o povo exultava em festas, confiante no advento de uma realidade de paz, de labor e progresso para o país, tinto do sangue de tantas vítimas e exausto de ver funcionar a sinistra máquina do Dr. Guillotin, ou seja, a guilhotina. Bem cedo tais esperanças seriam desfeitas por uma realidade igualmente de sangue, pois o Imperador não correspondeu às esperanças do povo, que aspirava à paz, mas, então, a alegria era imensa e todos sonhavam com aquilo que só existiria em seus corações.

Dentre os fidalgos exilados no estrangeiro, com a queda da realeza e a perseguição aos nobres, promovidas pelas leis da Revolução, destacavam-se, pelo número, os bretões, que, por assim dizer, partiram em massa para o exílio ou tombaram em luta inglória. E dentre os bretões

⁹ N.E.: Ano em que se iniciou o período governamental republicano denominado Terror, quando a tirania foi exercida e a guilhotina ceifava vidas preciosas, até mesmo fazendo cair a cabeça do rei Luís XVI e da rainha Maria Antonieta.

¹⁰ N.E.: Allan Kardec nasceu a 3 de outubro de 1804.





O drama da Bretanha

acabavam de regressar ao berço natal os condes de Guzman d'Albret e de Guzman d'Evreux, os quais, sensatamente, prevendo o que sucederia à França com a tomada da Bastilha pelo povo enfurecido, em 1789, a tempo se haviam transportado para a Espanha por via marítima, sem que nenhum incidente os perturbasse, pois, vivendo no seu Castelo solitário à beira-mar, nos arredores de Vannes, na Bretanha, fora-lhes fácil escapar em embarcações inglesas que, pela época, se aplicavam a humanitário trânsito clandestino de passageiros pelas costas da mesma Bretanha, cuidadosos de salvarem do opróbrio da desonra e da morte a fina raça da fidalguia bretã e francesa.

Ali, pois, em Espanha, permaneceram os de Guzman d'Albret e de Guzman d'Evreux encerrados no seu Palácio de Madri, onde levaram existência recatada, durante o furor desencadeado pela Junta Revolucionária sediada em Paris, amargurando-se sempre que notícias atrozess chegavam à Espanha, quando sabiam que amigos queridos e fidalgos ilustres haviam sucumbido sob a vingança dos revolucionários, mas glorificando os Céus ao constatarem que nem uma só gota de sangue dos de Guzman havia corrido, nem mesmo depredações ou confiscos de sua aprazível residência de Saint-Omer, nos arredores de Vannes, onde apenas alguns serviçais haviam ficado, a fim de zelarem pela propriedade.

Era a noite de Natal.

Exultava a numerosa família por se ver assim reunida no solo pátrio, pois até mesmo o primogênito da casa, o visconde Victor François, que passara longo tempo no Oriente, agora regressava jubiloso, ostentando precioso pergaminho de doutor em Medicina e em Ciências Esotéricas, curso que fizera em antigas faculdades da velha pátria dos faraós, o Egito.

Em torno da mesa alinhavam-se todos, para a ceia de Natal, depois de haverem entoado hinos sacros apropriados para o momento. Tratava-se de adeptos da Igreja Católica Romana, como bons bretões que se orgulhavam de ser, com exceção de Victor, que, avançado em ideais e



convicções sorvidos em estudos filosóficos da escola egípcia, rendia antes respeito a todas as crenças, considerando-as sublimes em essência, mas reservando-se o direito de particularmente optar por uma ciência que seria o ideal augusto da renovação cristã aplicado ao transcendentalismo das antigas doutrinas secretas, que desde épocas imemoriais jorram do Infinito revelações e inspirações para aqueles que se têm tornado capazes de recebê-las, assimilá-las e praticá-las.

Além do velho conde Joseph Hugo François e de sua esposa, Françoise Marie, viam-se, rodeando a mesa, Victor François, o jovem filósofo-médico; Andrea, sua irmã, linda menina de 15 anos, nascida na Espanha, pelo início da Revolução, mas considerada francesa por tradição, a qual somente agora realmente conhecia o irmão mais velho, a quem deveria amar e respeitar como o segundo chefe da família; Arthur e Alexis de Guzman d'Evreux, os gêmeos, de 18 primaveras, sobrinhos do conde Joseph Hugo, filhos do conde René d'Evreux e da condessa Amelye, ambos falecidos, além de outras personalidades que, com idêntica dignidade, usavam o nome venerando de Guzman, que desde o século XIII se orgulhava da sua excelente descendência.

Particularizava-se a família pela ternura, o respeito e a consideração com que se prezava, sentimentos que seriam o padrão da felicidade que parecia irradiar de cada um daqueles corações honrados, observadores da justiça e do dever.

Nessa noite memorável, quando já uma rica árvore de Natal fora despojada das prendas que lhe baloiçavam dos galhos, para alegria dos jovens da casa e de pequeno número de comensais infantis arrecadados pelas cercanias, dir-se-ia que todas aquelas amáveis personagens haviam sido escolhidas para destinos invulgares, quiçá para triunfos singulares em setores imprevisíveis da vida. A verdade era, porém, que um grupo ali havia, comprometido com as Leis da Providência, por erros graves do passado, e se reunia para inadiáveis reparações e necessárias reformas pessoais.



O drama da Bretanha

Até o primeiro e o segundo brindes, a conversação na mesa limitou-se quase que exclusivamente a respeito de Victor, seu regresso do Oriente, seus estudos sobre Ciências Esotéricas, suas peregrinações aos lugares apontados como testemunhas da vida de Jesus, suas investigações sobre o Mestre nazareno, as esperanças que a França depositava em Napoleão e sua recente coroação como Imperador dos franceses. A pedido dos presentes, Victor discursava sobre os princípios da Doutrina que adotara durante a permanência no Oriente: a imortalidade da alma, sua origem divina, a migração e a emigração das almas, ou reencarnação; a comunicação dos Espíritos com os homens, a cura de enfermos pelos processos espirituais e magnéticos, as faculdades da alma, criada à semelhança de Deus pelos valores dele recebidos, os quais devem progredir e se aperfeiçoar até o auge das próprias possibilidades, a necessidade de aquisição de virtudes e integração com o bem, para a possibilidade de ventura entre os homens, enfim, toda a longa e bela exposição dos ensinamentos das doutrinas secretas que no Oriente tiveram o seu berço e de lá se expandiram para reeducar e engrandecer os homens.

Todos ouviam o nobre discursador, encantados e surpresos, bebendo suas palavras, como se inebriando na revelação de alvíssaras celestes que lhes transportassem a alma.

A certa altura da solene cerimônia, porém, e após o terceiro brinde — o brinde de honra, feito ao Natal de Jesus — o senhor de Guzman d'Albret exclamou, pedindo vênias em atitude cerimoniosa e passando a ser ouvido com religiosa atenção, pois tais preâmbulos indicavam assunto grave a ser comunicado à família:

— Passada que foi a borrasca que violentou a França — começou ele —, eis-nos novamente reunidos nesta grande noite, meus amados, reiniciando tradição secular em nossa família.

“Duplamente jubiloso dirijo-me a vós, depois de convidar-vos, dos quatro cantos da Europa, para as comemorações desta noite, júbilo





Yvonne A. Pereira / Charles

por vos ter sob meu teto após tão longos períodos de angústia e quando, retornando todos do exílio, um noivado será anunciado pelos de Guzman d'Albret...”

Suspendeu-se o orador, propositadamente aguçando a curiosidade da família. Victor, recém-chegado, percebeu que todos os olhares o fitavam, indagadores. Perturbou-se, imaginando que os pais o haviam surpreendido com uma noiva que ele absolutamente não pretendia e vendo-se alvo de todas as atenções. Circunvagou, então, também ele, o olhar perscrutador pela mesa, investigando quem, dentre aqueles primos e primas ali reunidos, teria possibilidades de um noivado oficializado naquela noite, pois custava-lhe crer que o pai, tão seu amigo, o não consultasse em tão significativa emergência.

Era, com efeito, tradição da família de Guzman anunciar o noivado dos seus jovens representantes à mesa da ceia de Natal. Muitas vezes, para essa singular cerimônia, a que emprestavam brilho especial, reuniam-se representantes da família, provindos de toda a Europa, na residência do varão que se comprometeria para futuros esposais, a fim de abrilhantarem o acontecimento e testemunharem o compromisso, o que a este solidificaria de tal forma que a um e outro prometidos seria impossível recuar na palavra empenhada, a menos que se desonrassem perante o conceito de toda a família. Lá estavam, com efeito, as meninas Lucie e Claire, lindas e folgazãs, de Flandres; o visconde de Guzman de Montalban e seus três filhos varões; o conde e a condessa de Guttmann de Holeben e seus filhos Gracie e Ferdinand, da Baviera, e mais representantes da Lorena, da Alemanha, da Áustria, da Espanha, ao passo que Arthur e Alexis de Guzman d'Evreux não poderiam ser suspeitos de um compromisso de tal responsabilidade, dado que não haviam atingido sequer a maioridade.

Não obstante, prosseguiu o conde Joseph Hugo, o anfitrião, após verificar a emoção dos circunstantes, que continuavam guardando o mais respeitoso silêncio:





O drama da Bretanha

— Há quase dez anos não vemos realizarem-se esponsais na família de Guzman. É tempo, portanto, meus amados, de os varões da nossa raça meditarem sobre a necessidade de se continuar perpetuando esse nome, que há seis séculos vem mantendo a tradição honrosa das suas gerações. Temos, no momento, esparsos pela Europa, 26 jovens da família de Guzman na idade precisa para o matrimônio. No intuito de a estes incentivarmos para o significativo passo, a senhora condessa, minha esposa, e eu acabamos de consertar o compromisso de noivado, para as bodas daqui a três anos, entre os nossos queridos filhos Alexis de Guzman d'Evreux e Andrea de Guzman d'Albret...

Um murmúrio discreto acolheu a inesperada comunicação. Colhida de surpresa, a jovem Andrea titubeou, fitando insistentemente o pai e o prometido que lhe davam, enquanto este, que desde a véspera fora cientificado pelos tios da oficialização do acontecimento, que muito grato lhe era ao coração, levantou-se, curvou-se em vênia dirigida aos tios e exclamou gravemente, com visível emoção:

— Profundamente me honra essa promessa, senhor conde, a qual ardentemente desejo ver realizada em aliança perene... Recebo-a com a mais grata alegria do coração, visto que minha gentil prima Andrea de Guzman é merecedora de todo o meu amor e da minha admiração...

Joseph Hugo sorriu benévolo e satisfeito, enquanto Alexis prosseguia agradecendo a concessão da mão de Andrea e esta levantava-se em sinal de assentimento.

Foram então lidas as bases do contrato de aliança das duas famílias, que tinham como cabimento a leal afeição dos dois jovens, e os bens que cada nubente levaria por ocasião dos esponsais. A seguir, o importante documento familiar, passado de mão a mão, em toda a mesa, recebeu a assinatura das testemunhas presentes, como se já se tratasse do ato oficial a ser realizado dentro de três anos. Então, aproximaram-se os noivos um do outro, como exigia a cerimônia. Alexis osculou, respeitosamente, a





Yvonne A. Pereira / Charles

destra de sua prometida, sentando-se a seu lado, risonho e encantado, ao passo que a ceia prosseguia e um quarto brinde era levantado, desta vez homenageando as duas figuras que se tornaram alvo das atenções gerais.

A partir desse momento é que Andrea de Guzman passou a ser atentamente observada por seus desconhecidos parentes da Europa.

Ela era formosa e esguia, com a pele alva e acetinada como as pétalas de uma camélia imaculada, os cabelos de um louro fulvo, arruivados, caindo em madeixas encaracoladas pelos ombros e ornando a fronte com anéis fartos e caprichosos. Trajava longo vestido branco à romana, moda que acabara de ser lançada pelo Império, durante a coroação de Sua Majestade, pois Josefina Bonaparte, no dia da coroação do esposo, assim se trajava, evocando as modas femininas e o fausto de Roma. Leves nuances azul-celeste, sobre o tecido branco, delicado e cintilante, emprestavam tons dulcíssimos à silhueta de Andrea, dado que seus vestidos, amplos e vaporosos, lhe conferiam aspecto angelical de atraente beleza. Mas, acima de tudo, eram os olhos dessa jovem bretã espanhola que impressionavam o observador, olhos profundos, rasgados em amêndoas, de longos cílios castanhos e expressões melancólicas, por vezes assustadiços, cujas íris, de uma tonalidade azul forte, eram encantadores e incomparáveis em toda a família.

Entretanto, nem todos os circunstantes se rejubilaram com a participação do inesperado compromisso. Dentre os presentes, um coração havia que se conservara retraído e decepcionado, sem externar felicitações ou alegrias pelo evento, enquanto a ceia prosseguia entre expansões amistosas.

Arthur, o gêmeo de Alexis, surpreendido com o compromisso aceito pelo irmão, corara ao ouvir o tio anunciá-lo, crispando os dedos sob a ardência de forte emoção, ao passo que o coração se lhe precipitava no peito em pulsações dolorosas. Arthur amava Andrea tanto quanto o irmão a amava, ambos não ignoravam o que no coração do outro se





O drama da Bretanha

passava, e esse sentimento, tão nobre e puro que se eternizaria na vida espiritual, revelara-se na infância por uma ternura incompreensível ao entendimento humano comum.

Ora, precisamente no instante em que o conde Joseph Hugo se erguia da mesa, dando por terminada a ceia, para que os convidados se apressassem para as danças no salão nobre, onde outros convidados já se movimentavam; quando Alexis oferecia a mão à sua linda prometida a fim de conduzi-la, segredando-lhe a ventura de que se sentia possuído, repercutiu pelo recinto, e todos os circunstantes a ouviram, uma gargalhada equívoca, abafada, como que difusa pelos quatro ângulos do salão.

Desagradavelmente surpreendidos, os comensais se voltavam, indagadores, buscando localizar o insolente que assim se portava em ocasião tão solene, sem, contudo, distinguirem qualquer novo convidado, enquanto o conde Joseph Hugo chocado, mas conciliador, exclamava, traindo excitação:

— Não, não vos impressioneis com esse fato insólito... Explicarei mais tarde o que isso significa...

E Andrea, tremente e emocionada, procurava refúgio nos braços maternos, exclamando, por entre convulsivo pranto:

— Ele, meu Deus, sempre ele, o meu algoz, que em sonhos ou em vigília não me permite um só dia de verdadeira satisfação! Sim, minha mãe, sei que ele reprova meu casamento com Alexis e que será em vão que eu alimente esperanças de felicidade. Suas preferências são antes para Arthur...

A condessa repeliu-a, como se se envergonhasse da expansão da filha diante dos convidados. Andrea ressentiu-se da repulsa de sua mãe em reconfortá-la, pois sabia, compreendia não ser devidamente amada por aquela que lhe dera o ser. Impressionante crise de nervos adveio, então, prostrando a jovem prometida. Estupefatos, os comensais não sabiam o



que pensar em face do que presenciavam. A quem se referia Andrea? De quem falava, se ninguém estranho à família fora admitido para a cerimônia da ceia? Além dos criados, que se mostravam aturdidos com o singular acontecimento, nenhuma outra personalidade poderia ter atingido o recinto, a não ser que formas invisíveis o tivessem assaltado...

Retirada nos braços do irmão, que por ela sentia uma ternura toda piedosa e paternal, para os seus aposentos particulares, Andrea debatia-se em violento ataque de nervos, como se súbita possessão das trevas se arremessasse sobre ela, impossibilitando-lhe receber os cumprimentos dos convidados de seu pai no dia auspicioso em que se oficializara o seu noivado. Por sua vez, pensativo e inquieto, Alexis passeava de um para outro lado, numa recâmara próxima aos aposentos da noiva, enquanto seu gêmeo Arthur, abatido sobre uma poltrona, tamborilava nervosamente com os dedos sobre os braços da mesma. Em dado momento, porém, Alexis saiu, penetrou o recinto do oratório particular, que pertencera à sua mãe, Amelye de Guzman, e à sua avó, que fora a mãe que em realidade ele conhecera, Louise de Guzman, e ajoelhou-se diante do altar para orar, desfeito em pranto.